



**Dossiê: Experiências instituintes de pesquisa e formação docente:
diálogos latino-americanos**

**A vida vivida em dois coletivos de pesquisadores narrativos: modos outros de
conhecimento, autoria e escrita acadêmica**

*La vida vivida en dos colectivos de investigadores narrativos: modos otros de producción de
conhecimento, autoria e escritura acadêmicaⁱ*

María Inés Copello
Universidad de la República (UDELAR)
Montevideo, Uruguay,
Bárbara Sicardi
Joaquín Gonçalves Barbosa
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
São Carlos- SP- Brasil

Resumo

O artigo traz pensamentos e emoções de pesquisadores que, desde o Brasil e o Uruguai, se unem em convicções sobre uma forma OUTRA de produzir conhecimento: reivindicar pesquisas instituintes, enfoques outros de construir conhecimento. “Queremos horadar la academia, pero queremos ser academia” (Porta, 2021). Construção coletiva do conhecimento, laços de amizade, aceitação mútua e empoderamento. Ser comunidade que, criticamente, se apoia e empurra para crescer. Fala-se de grupos de pesquisa que exemplificam, que são territórios onde se tentam viver estes princípios, que constituem “a cozinha” de como eles se produzem e comunicam. Assim, o texto vai argumentar princípios e caracterizar e analisar a sua vivência nesses grupos. Caracterizar dimensões epistemopolíticas, estéticas, teóricas e metodológicas deles. A dupla linguagem utilizada insere-se neste contexto.

Palavras-chave: Autoria, Pesquisa e escritura acadêmica OUTRA, Horadar a academia normalizada.

Resumen

El artículo surge de pensamientos y emociones de investigadores que, desde Brasil y Uruguay, se unen en sus convicciones sobre una forma OTRA de producir conocimiento: reivindicar una investigación instituyente, enfoques otros para construir conocimiento. «Queremos horadar la academia, pero queremos ser academia» (Porta, 2021). Construcción colectiva, lazos de amistad, aceptación mutua y empoderamiento. Ser una comunidad que se apoya críticamente y se empuja a crecer. Se habla de grupos de investigación que ejemplifican, que son territorios donde se intentan vivir estos principios, que constituyen «la cocina» de cómo ellos se producen y comunican. Así, el texto argumentará los principios y caracterizará y analizará cómo se viven en estos grupos. Caracterizará sus dimensiones epistemopolíticas, estéticas, teóricas y metodológicas. El doble lenguaje utilizado forma parte de este contexto.

Palabras clave: Autoría, Investigación y escritura académica OTRA, Horadar la academia normalizada.

Preludio

Internarse en la reflexión para renacer y reaparecer
sentipensante en la acción decidida y enérgica (Fals
Borda)

Ya teniendo en mente la escritura de este artículo, vivo una visita al MACA (Museo de Arte Moderno Atchugarry)ⁱⁱ, espacio de increíble poder inspirador. Allí asisto a un concierto de violín y piano. Una sonata del querido Beethoven (Nº 7, op30 Nº2), luego otras preciosas piezas, y al final un compositor que escucho por primera vez y me maravilla por la alegría de vivir que me llega de su música, Edvard Griegⁱⁱⁱ. Busco saber de él: se inspira en los paisajes y las gentes que le rodean, quiere crear identidad nacional con su música, no busca componer grandes obras, busca dar “vida a pequeñas miniaturas”. Ahora no es solo la alegría de vivir que “me inundó”, me siento identificada con Grieg: Nosotros proponemos una investigación vida (Ribiero, 2020), una investigación autoría, una investigación de detalles, de “pequeñas cosas”, que trascienda muros, una investigación instituyente. Grieg me ha regalado una idea para el texto que nos espera. Lo comparto con los amigos-co-autores y ellos concuerdan: nuestro texto también buscará vibrar y para ello cada apartado lo entenderemos como un movimiento musical. Esta escritura es para nosotras afectiva, la deseamos afectante para ustedes que a ella llegan (Ribeiro, 2020). Sentipensar (Fals Borda, 2009) al escribir, sentipensar al leerla, que, como clave inspiradora, una metáfora musical permee la escritura. Las autoras compartimos convicciones sobre una forma OTRA de producir conocimiento en educación, forma otra para la que reivindicamos un lugar reconocido en la academia. Una manera otra de habitar la academia, propone reiteradamente Porta (Porta y de Laurentis, 2020). Traer la música, los museos, la literatura, el teatro, el cine a nuestras investigaciones también nos es signo identitario.

Nuestras investigaciones tienen la característica de no pensar el campo educativo cerrado sino en la cultura abierto, dinámico y flexible. Ahí reside uno de los aportes fundamentales: no compartimentar el campo y no perder de vista su integralidad. Hay en este punto aportes personales, estéticos y políticos desde la perspectiva en que miramos [...] La categoría de “expansión biográfica” (Porta, Aguirre y Ramalho, 2023, p.4)

No queremos desplazar otros enfoques de investigación, pero sí reivindicamos que se reconozca el valor del nuestro. Luis nos da voz cuando propone: “Queremos horadar la academia, pero queremos ser academia”^{iv} Y viene a nuestro encuentro Fals Borda (2009, p.315) cuando, hablando de la investigación sociológica, nos dice: “ser herejes y actuar como nube de mosquitos. Pero los herejes actuales tenemos que aprender las lenguas dominantes, otros códigos y nuevas tecnologías para estimular “contrapoderes” y actuar con éxito en la posmodernidad”.

Autoria - um destaque dentro deste prelúdio

O movimento da produção deste texto assume os vieses de uma autorização à autoria e nos convoca a dialogar diretamente com o conceito de autor-cidadão e sua vinculação com a multirreferencialidade.

Multirreferencialidade é um hino contra o reducionismo [...] Um hino ao esforço de liberação humana e que as simplificações e reduções têm consequências diretas nas nossas vidas em todos os sentidos. [...] Ora, precisamos sair do conforto das metodologias prontas. É o fazer ciência, o criar, o construir ciência que definirá uma “composição” (bricolagem) metodológica.” (Barbosa, 1998, p. 13)

Assim, assumimos nossa condição existencial como princípio da produção de conhecimento e é no embalo desta valsa que escolhemos a lente da incompletude para tecer os fios de nosso “sentipensar” narrativo, confiantes ainda na potência de nossos “não acidentais” encontros. Conversando sobre os modos OUTROS de autoria, produção de conhecimento e escrita acadêmica nos perguntamos: de que autoria estamos falando? Até que ponto os modos existentes ou já conhecidos de se produzir conhecimento promovem autoria e que modos outros existem? O que está sendo dito quando se fala de autoria? Buscando enriquecer o que entendemos por autoria, dialogamos com conceitos que talvez apoiem nisso. Para isso vamos nos referir ao entendimento de Ardoino (Ardoino, 1993) quando fala do agente-ator-autor e a Barbosa (Barbosa, 2000) com a ideia de autor-cidadão, ambos amparados pela perspectiva epistemológica multirreferencial/plural.

Ardoino refere-se ao debate sociológico de então que contemplava tão somente o agente e o ator social enquanto para ele deveria ser acrescida a perspectiva do autor-social - aquele que está na origem de algo - e por se referir ao agente/ator/autor social irá afirmar que possivelmente o que podemos alcançar é uma co-autoria já que nossa produção ocorre socialmente e não de forma isolada ou freneticamente individualizada. Portanto, conforme seu entendimento, isto traz embutido o olhar multirreferencial/plural já que praticamente

podemos desempenhar os três papéis simultaneamente: o de agente, o de ator e o de autor social.

Tomemos como exemplo a participação num evento acadêmico: estamos nele inseridos como agentes de uma engrenagem enquanto seres cumpridores de papéis, horários, cronogramas e de todo o dispositivo funcional instituído para todo e qualquer evento acadêmico desta natureza. Estamos também presentes e atuantes como atores, representando até que com certa particularidade, apresentando ideias, metodologias e sistematizações produzidas originalmente por outrem. Em nossa abordagem de pesquisar não consideramos os autores com os quais dialogamos como “referentes de argumentos de autoridade” senão como “amigos acadêmicos”, nos acercamos a eles desde um diálogo que implica sentir cercania, cumplicidade e reconhecimento por suas elaborações que apoiam a avançar nas nossas (Badaró et al, 2022). Porém, ao trazer suas ideias estamos sendo portadores de ideias de outros, e, portanto, podemos caracterizar isso no papel de ator. Por fim podemos nos apresentar como autores, algo criado por nós, seja quanto à interpretação das ideias, seja quanto à criação de novos conceitos, métodos ou dispositivos capazes de despertar a singularidade instituinte que habita cada um de nós. Barbosa (1998) propõe a ideia de autor-cidadão, não no sentido de um justaposto a outro, mas como ideia composta, plural, multirreferencial - o sujeito se fazendo sujeito no sentido de autor social, o que se faz como resultado de sua atuação - temporal, histórica, implicada com sua subjetividade na perspectiva da autoria. Portanto, autoria no diálogo com Ardoino e Barbosa, considera o sujeito e o subjetivo, o sentido e suas implicações e nos conecta ao conceito de autonomia em Castoriadis (Castoriadis, 1992). Por fim, este debate sob a ótica multirreferencial propõe contemplar o sujeito autorizando-se tanto no social como também no subjetivo sob a perspectiva do sentido, assumindo os conteúdos internos e suas implicações simultaneamente.

Dando um final a este prelúdio

Assim, desde autorizarmos à autoria, nos propomos aqui, neste texto, a escrever sobre os laços de amizade nos espaços-tempos da pesquisa-vida-formação e o exercício de escuta sensível das diferenças que nos lança o olhar para as potencialidades que nos compõem, para além da lente escaldante e impiedosa da limitação.

Queremos elaborar un texto que les acerque a algunas certezas que tenemos, algunas nociones, que hablen de por qué, alrededor de qué, nos constituimos como grupo de investigación narrativa (auto)biográfica, ahondar en cómo vivimos la producción de saber educativo; en cómo lo entendemos como proceso que implica autoría ; en la poética (Suarez, 2022) de una forma otra de escritura académica, producir una obra, nuestra obra (Hess, 2005, Porta, 2021, Suarez, 2022) y, sobre cómo ello nos lleva a horadar la academia tradicional normalizada, a ser investigación vida (Porta, 2021). También contarles sobre la historia que nos llevó a constituirnos grupos, las fortalezas que creemos que nos van llevando adelante, algunos de los sueños para el devenir. Somos investigación (Porta, 2021), somos GRIDEN, somos NEPEN. Sobre eso vamos a escribir, a partir de sentipensar, buscando que se acerquen a nosotras y que, ojalá, se afecten. Como dice nuestro epígrafe, internarnos en la reflexión, en un proceso de biografizar (Delory Momberger, 2014) lo ya vivido y, de allí, reaparecer para, de forma decidida y enérgica, ir adelante.

Primer Movimiento – GRIDEN- principios, cocina, historia, expectativas

¿De dónde venía yo cuando tú me encontraste?, preguntó el niño a su madre. Ella, riendo y llorando, le respondió apretándolo contra su pecho: Tú estabas en mi corazón, como su ansia amor mío. [...] Estabas en todas mis esperanzas y en todos mis cariños [...] ;Qué embeleso me sobrecoge al mirarte a ti, hijo, que siéndolo todo te has hecho mío; y que miedo de perderte! ¡Así bien apretado contra mi pecho! ¡Ay! ¿qué poder mágico ha enredado el tesoro del mundo a mis débiles brazos?

Rabindranaz Tagore

Antes de iniciar las variaciones de este movimiento, les compartimos que él está construido por una de las autoras, pero entrecruzando su voz con las de otros/as integrantes del GRIDEN. ¿Cuál voces, de tantas que gostaríamos traer? Hemos elegido a Elena (Rodríguez, 2022) y Paty (Píriz, 2024), pues ellas, integrantes desde el origen, han incorporado, plenamente, en sus quehaceres de investigación principios y modos de accionar de este grupo. También vendrá a dar su voz un texto elaborado colectivamente en el GRIDEN (Badaró et al, 2022). Así este movimiento busca hacerse polifónico, construyéndose desde distintas voces, pero que vibran al unísono, entrelazándose unas con otras y formando parte de una misma trama musical que pretendemos tejer.

El epígrafe, lo constituyen fragmentos del poema “El principio” de Rabindranaz Tagore (1955), Premio Nóbel de literatura en aquel lejano 1913. La autora compartió con sus

niños, en una también lejana época, en su vida de maestra de escuela primaria, este poema. Ahora lo reencuentra y lo resignifica pensando que este grupo de investigación es parte de su vida docente de siempre, estaba en sus ansias desde aquel entonces, hoy es una realidad construida, cuidada de forma grupal y que vivenciamos en un constante ir adelante.

Variación uno: algo de esencias que nos constituyen y “nuestra cocina”

El GRIDEN (Grupo de Investigación en Docencia desde un Enfoque Narrativo) de la Maestría en Teorías y Prácticas en Educación, de la Universidad de la República de Uruguay, investiga en educación, especialmente en docencia, desde bases epistemo-ontológicas, metodológicas, éticas, políticas, estéticas y poéticas, que se vinculan al enfoque narrativo (auto)biográfico. En particular nos apoyamos en concepciones delezianas (Deleuze, 2002) (la i del logo del GRIDEN se sumerge en una red de rizomas) que orientan los caminos rizomáticos seguidos al cartografiar los territorios vividos en las investigaciones (Simonini, 2019). En ese caminar, cartografiando, buscando indicios, encontrando huellas (Ginzburg, 2003) llegamos a mesetas, a momentos muy significativos de la “caminada”^v Se producen líneas de fuga, las transitamos, la investigación no es un camino lineal, se producen bucles, y llegamos a nuevas mesetas de este “cartografiar territorios vividos”, (aquello que la investigación normalizada llama trabajo de campo).

Sigue la escritura dando la palabra a Paty (Píriz, 2024): Se conjugaron diversos momentos, experiencias, desplazamientos, giros e incertidumbres del propio proceso de configurarme como investigadora narrativa, aportes teóricos que conocía y fui conectando, a veces mientras cocinaba, leía, miraba películas, hablaba en/con el GRIDEN, escuchaba a otras/os tesisas, intercambiaba con colegas, trabajaba en la escuela, hacía ruta con mi pareja, caminaba en la playa o me despertaba en la madrugada. La mayor parte de las veces no puedo decir desde dónde emergían las ideas, aparecían, casi como epifanías. Estoy convencida que esto sucede cuando nos dejamos afectar, cuando nos abrimos y estamos disponibles a las conexiones. Es un proceso rizomático y de difracción, al decir de Barad (2007, p.16) Esta noción de difracción aparecerá a lo largo del texto de la tesis. Siempre utilizada en/desde la concepción de Barad, producción de un desplazamiento, pero no un desplazamiento de lo mismo. Cartografía de la interferencia, no de la réplica, ni del reflejo o la reproducción. Un

modelo difractivo no señala dónde aparecen las diferencias sino dónde aparecen los efectos de las diferencias.

Vamos a acercarnos a lo que forma parte de cómo entablamos relación con quienes nos acompañan en los contextos vividos en la investigación, los con-investigadores. Ello será dando la palabra a Elena (Rodríguez, 2022) : Conversaciones, esa palabra que encierra tanto, “un encuentro sin principio ni fin que se desvía, avanza y retrocede, se pierde y quizá se reencuentra” (Skliar, 2017, p. 173) Por ello hablo de conversaciones y no entrevistas, para marcar una separación de una entrevista donde la limitación de tiempo, espacio y tema, podría marcar desigualdad y asimetría, afectando la horizontalidad que el enfoque adoptado en esta investigación preconiza (Rodríguez, 2022 p.19) . Grandes amigos académicos del GRIDEN, Tiago Ribeiro y Carmen Sanchez, son co- organizadores de “Conversa como metodología de pesquisa – por qué não? ” (Ribeiro, de Souza e Sanches Sampaio, 2019), libro que argumenta con mucha profundidad y convencimiento estos principios que Elena asume en su tesis.

Junto y entrelazado con el “cartografiar contextos vividos”, en el GRIDEN vamos de forma constante y permanente a la biblioteca. “De la biblioteca al campo, del campo a la biblioteca” nos dice Daniel (Suarez(a) , 2022). A diferencia del modelo normalizado en nuestra academia, donde se enseña y se “cobra” el estructurar “un marco teórico para luego ir a campo”, entendemos esos procesos entretejidos, un zigzag, un ir y venir, que nos acompañará permanentemente. Al pensar las problemáticas que “hacen cuerpo” en nosotros, en la caracterización de los propósitos de nuestra investigación, durante nuestra inmersión en el espacio cartográfico, en aquel momento en que nos sumergimos en la escritura de la tesis, siempre, hasta el final de este proceso, (que es un final no final).

Otro aspecto importante en los principios *grideanos* lo traemos desde voces del GRIDEN, inscritas en un artículo colectivo publicado (Badaró et al, 2022): ¿Por qué hablar de «amigues» y de «conversar» con ellos?, al referirnos a los autores que nos apoyan para construir las bases conceptuales de la investigación? Daniel Suarez hace una reflexión que viene al encuentro de esto.

Tal vez, un criterio metodológico fuerte de este enfoque [narrativo], sean los lazos de amistad que contribuye a generar y la relación amistosa que es, en cierta forma, la condición de posibilidad de narrativas y de conversaciones en torno de narrativas (Suarez, 2022, c/p).

Nos apoyamos, entonces, en argumentos como los de Suarez (2022, p.84) para hablar de «amigues» al referir al compartir y debatir sobre la producción teórica que apoya nuestras investigaciones. Nos aproximamos desde la afectividad, «tramando y enredándonos» en el relacionamiento de nuestro grupo y también lo aplicamos a los autores que leemos, de forma dialógica, conversando con ellos.

Variación dos: la historia de cómo nos hicimos grupo GRIDEN

Nuevamente es la voz, la escrita, de Paty la que nos trae acontecimientos sobre el origen del GRIDEN: En la caminata investigativa creamos, mi tutora de tesis, colega, maestra, amiga y compañera de aventuras y locuras académicas y mis compañeras/os maestrandas/os Rodrigo, Michelle, Elena, Leticia y Felipe, un grupo de investigación que denominamos GRIDEN, Grupo de Investigación en Docencia desde un Enfoque Narrativo, que forma parte del Instituto de Educación de la FHCE de UdelaR. Este grupo, ya con identidad propia, que se amplía y re/significa, a medida que crecemos en reflexiones, experiencias y amigas/os, ha sido y es, el sostén y el espacio, para aprender a investigar de forma otra, diferente a la que conocíamos antes de ser GRIDEN. (Piriz, 2024, p. 6)

Elena también habla de nuestro origen, ella dice: Hermosa creación colectiva. Allí todos somos, valemos, hablamos, opinamos, enseñamos, aprendemos, en un vínculo fraterno y horizontal. Parafraseando a nuestro amigo grideano, Rodrigo, afirmamos: que si algo es GRIDEN, es que no es selectivo. No hay bien ni mal. Si estás en tu sintonía está bien. Nunca mejor definido. Y allí empecé mi caminar académico en comunidad. “El GRIDEN, como un desafío, horadando la academia desde dentro, inicia su germinación en 2019, y se hace realidad un domingo invernal de 2020, construido en y a pesar de la pandemia (Piriz, 2024, p.64)

Fig. Logo Grupo de Investigación



Fuente: elaboración propia del grupo

Segundo Movimento – NEPEN: história, pesquisa-vida-formação, resistência e (re)existência

----- estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi. [..] Mas é que também não sei que forma dar para o que me aconteceu. E sem dar uma forma, nada me existe [...] Só posso compreender o que me acontece, mas só acontece o que eu compreendendo.

Clarice Lispector

Variação um: sua história, sua essência

A história do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas Educativas, Formação e Trabalho Docente, o NEPEN, será aqui contada a partir das lentes da pesquisadora que o concebe por ocasião da criação de um Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) de um então recém criado campus de uma universidade pública no contexto de expansão do ensino superior no Brasil, em 2010. Estas lentes se alinham circunstanciadas pela escolha da pesquisadora assumir-se na condição de incompletude ocupando posições acadêmicas a partir do exercício de reflexividade narrativa (Passeggi, 2020) enquanto possibilidade de compor um coletivo sem perder de vista as singularidades em sua coexistência.

Tendo como lente teórica a escuta e a escrita de si em diálogo com as investigações dos/nos/com os cotidianos, as pesquisas realizadas no bojo do NEPEN refletem um compromisso com a formação docente e de profissionais da Educação. Contudo, importa dizer que mais que descrever um espaço de pesquisa na perspectiva da “adesão voluntária a um contrato de investigação” que se pauta em processos formativos que tem nas narrativas (orais e escritas) seus principais dispositivos de escrita reflexiva, ao longo de um pouco mais do que uma década de existência, o grupo vem se organizando e se constituindo a partir do mergulho nas histórias de vida dos sujeitos que o compõe - as autoras e autores dos referenciais que escreveram os estudos que ali são discutidos, os convidados e, os muitos docentes, educadores e cidadãos afetos à educação que ali estiveram em algum momento como itinerantes.

As histórias de vida e as marcas das experiências formadoras desses sujeitos, que são trazidas pelas e nas narrativas (orais e escritas), bem como por outros dispositivos (auto)biográficos assumem o lugar de mediação do conhecimento de si, na relação com o

conhecimento do outro (Josso, 2010) atribuindo sentido aos saberes e práticas daquelas e daqueles que vivem o NEPEN. Elas, as narrativas, são escritas com o foco nas aprendizagens e conhecimentos: existenciais; instrumentais; relacionais e reflexivos, a partir de um constructo coletivo para definição dos referenciais que utilizados como apoio para pensar e dar sentido às experiências narradas.

Assim, a partir da defesa das primeiras dissertações de Mestrado os integrantes do NEPEN foram alavancados e impulsionados a assumir o diálogo entrecruzado com pesquisadores de outras instituições e a ultrapassar fronteiras geográficas, na perspectiva de buscar formas de consolidar o PPGEEd no cenário nacional. Com a abertura do Doutorado pudemos alçar voos internacionais e ampliar o debate junto a programas de referência, desenvolver ações em redes de parceria com outros grupos de pesquisa, assumindo uma perspectiva epistemopolítica de pesquisa-vida-formação:

[...] integrando, a partir do hífen, três ações que, no espaço/tempo do NEPEN, são vibrantes, pulsantes, singulares e plurais ao mesmo tempo. Não se pesquisa só: não se vive só, não se forma só. O hífen representa o convite à conectividade do fazer pesquisa com e junto, do viver com e junto e do formar-se, também com e junto. São ações que dão no (com)junto enquanto integram o singular dos sujeitos no plural do grupo; o singular do grupo, no plural dos sujeitos. Nesse sentido não se anula ou se deixa de viver para pesquisa; o pesquisar compõe e integra o viver e, no viver, está o formar-se. (Brito; Nakayama, 2023, p.22-23).

Formar aqui nada tem a ver com colocar em forma ou na forma, mas enquanto ação de constituir, de ser, de acontecer para a vida, de escolher como significar as experiências vividas em experiências formadoras, a partir de um espaço/tempo de pesquisa que é formal e existencial ao mesmo tempo. É nesse transbordamento conceitual que o cenário do espaço/tempo de pesquisa-vida-formação do NEPEN ganha contornos de coletivo e plural, tendo como cerne de suas ações o respeito a escuta sensível das singularidades dos sujeitos que o integram. E nesse cenário que as produções que significam uma titulação (dissertações e teses) dialogam horizontalmente com escritas reflexivas que traduzem as subjetividades de experiências formadoras partilhadas, oportunizadas no viver.

Variação dois: Autoria-cidadã, inventividade, resistência e (re)existência

Vinte e três dissertações e duas teses gestadas e defendidas no contexto do NEPEN. Outras treze teses em andamento, múltiplas e plurais experiências, olhares, sentir e pensar a partir de vieses e lentes biográfico-narrativas e cada vez mais a convicção de que a autoria se

promove a partir da autorização da inventividade e no exercício de resistência e empoderamento se promovem (re)existências. Nossa escolha para a composição deste ato toma como interlocutoras as autoras das teses que assumem o conceito de autoria-cidadã enquanto eixo de produção investigativa.

Antes de apresentá-las, vale dizer que a consciência de um sujeito que aqui se reconhece autor em processo se desenvolve durante o encontro da pesquisadora líder do NEPEN com o professor Joaquim, ainda num momento-contexto em que iniciava sua trajetória na Pós-Graduação. “Momento charneira” para Josso (2010, p.70), dada a sua feição reorientadora na trajetória que segue e que consolida uma atitude epistemopolítica na academia voltada para a produção de conhecimento a partir e com consideração, respeito, amorosidade, escuta sensível multirreferencial e afeto. Os laços acadêmicos compõem existências para além dos muros rígidos e excludentes da academia, promovendo autorização e empoderamento para a autoria.

Embalada por esta sintonia, Brito (2023) traz ao diálogo as marcas de autoria, reveladas a partir de dois inventários de pesquisa na perspectiva de anunciar uma pesquisa (auto)biográfica que propõe olhar para o processo de constituição de uma pesquisadora-autora-cidadã, considerando uma perspectiva existencial enquanto lente que afeta e é afetada no/pelo movimento de produzir uma tese. Pesquisadora-autora-cidadã é uma ideia que surge a partir de diálogos entrecruzados com os estudos e contribuições sobre autor-cidadão de Barbosa (2000), a partir da itinerância heurística de uma doutoranda que vivencia a pesquisa acadêmica em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação. A pesquisa objetivou compreender o processo do (re)conhecer e assumir-se pesquisadora-autora-cidadã, a partir das experiências com dispositivos biográfico-narrativos oportunizando o reconhecimento e legitimação da produção do conhecimento que emerge e se consolida das/nas intersubjetividades. Buscar caminhos para a tomada de consciência de que produzir conhecimento é produzir(se) a si mesma; que ambos são indissociáveis, mas que produzir a si mesma precede e compõe os processos do autorizar-se à autoria é o que caracteriza uma pesquisadora-autora-cidadã e, ainda, se a leitura do mundo precede a leitura da palavra, é possível considerar que é pela narrativa que se faz a leitura de mundo, e que, nesse caso, não só precede a leitura da palavra, como se dá pela própria palavra, pelas/nas tessituras da intriga, considerando a tríplice mímese do círculo hermenêutico ricoeriano.

Nas palavras de Sol (que assina como Brito, 2023), o exercício da escrita a emancipa e é autorização a realizar uma escrita OUTRA, a empodera para anunciar inéditos viáveis:

Não posso deixar de dizer que não me reconheço autora com ou a partir da minha história acadêmica, escrever me compõe enquanto sujeito que quer muito aprender a linguagem e fazer a leitura desse mundo, tão complexo e incrível.(...) Retomo que até aqui, busquei pensar possibilidades de abordar e indicar que/quais marcas de autoria emergem das/nas escritas reflexivas realizadas em contextos de pesquisa-vida-formação, a partir de dispositivos biográficos-narrativos e, que/quais sentidos e significados uma doutoranda pode atribuir à essas marcas no processo de tornar-se uma pesquisadora-autora-cidadã? (...) Dito isto, convido leitoras e leitores, que chegaram até aqui, que andarem pela tese, retomem os contornos propostos para a investigação e a (re)componham, em novos “outros movimentos” de heurística integrando-se à principal proposta aqui feita, o de se enxergar e se (re)conhecerem no processo de tornarem-se autores, sendo; enquanto possibilidade de narrar a vida e produzir sua obra, não, necessariamente, tendo o conhecimento acadêmico como balizador ou fio condutor, mas sim com foco nas experiências e escolhas emancipatórias que podem fazer de cada uma e cada um pesquisadora-autora-cidadã, pesquisador-autor-cidadão. Como últimas palavras, escolho não encerrar essa tese com uma escrita reflexiva a partir de um dispositivo biográfico-narrativo trazido/apresentado ao longo desta obra. Enquanto anúncio de inéditos viáveis e possibilidades outras, para este e outros tempos/espacos de escrita de si, me aproximo de minhas origens e faço um último esforço para a produção de um “cordel”, singular por ser o primeiro, plural por trazer nele as muitas vozes que ficaram ecoando e se tatuaram em mim nesse processo de produzir ciência e produzir a vida...

[...] Finalizo uma obra

Marcada no tempo histórico

Social e existencial...

Finalizo uma obra que me permita

Defender uma Pedagogia da Escrita!

Finalizo um trabalho

Que é do hoje, do agora

Mas pode ser também de amanhã

Finalizo um trabalho que me anuncia

Uma pesquisadora-autora-cidadã!

Tendo o ano de 2020, primeiro ano da pandemia da COVID-19, como contexto da pesquisa, Meletti (2023) analisa o conjunto de narrativas (auto)biográficas de três docentes e três gestores da escola básica, participantes da Atividade Curricular Integradora Ensino Pesquisa Extensão (ACIEPE) ‘Refletindo sobre Narrativas Educativas, Formação e Trabalho Docente com Profissionais da Educação no Contexto da COVID-19’, proposta pelo NEPEN em parceria com dois programas de Pós-Graduação em Educação de maio a julho de 2020. O estudo se propõe a evidenciar as relações presentes no conjunto de suas narrativas e compreender como, pela escrita, os participantes ressignificam as experiências que viveram no contexto pandêmico e como as situam em sua história. Dividido em quatro movimentos

de escrita que transitam entre os processos de autoformação e formação docente, a investigação está situada no campo de conhecimento da pesquisa (auto)biográfica, sob a perspectiva epistemopolítica, pós-disciplinar e decolonial de investigação.

A investigação culmina com o resgate do compromisso epistemopolítico da pesquisadora, a qual enuncia uma perspectiva de autoformação e formação docente fundada em uma epistemologia narrativa que, em espaços/tempo de pesquisa-vida-formação fortalecem uma práxis encarnada na vida e humanizada pela solidariedade e pelo pertencimento a uma comunidade planetária.

Importa dizer que depois de trilhar o caminho para a produção da tese, Claudia anuncia reconhecer o espaço/tempo de pesquisa-vida-formação como locus que torna viável o inédito de Freire pela investigação e pelo percebimento de realidades que nos afastam da Humanidade e se posiciona favorável a uma epistemologia narrativa:

O movimento hermenêutico e epistemológico, que esta pesquisa me proporcionou, conduzido pela reflexividade (auto)biográfica e pela (auto)biografização, converteu-se em um processo de descolonização de meu si-mesmo e de mudanças que já estavam em curso, mas que não eram sabidas, de fato. Ao me abrir a outras formas de ver o mundo, reconheci os privilégios que me favoreceram em minha história e encarei as responsabilidades que eles me conferiram; trouxe à luz os silenciamentos e apagamentos de tantas histórias que a história escondeu; construí minha consciência histórica em reciprocidade com outros no contexto pandêmico (...) Conhecedora dos saberes conquistados no percurso (auto)formativo, autorizei-me a produzir novos sentidos sobre minha história de vida e formação e, na relação com muitos outros, desenhei um caminho autoral que me levou a “encontrar as raízes na experiência, nas histórias e ações concretas de pessoas de carne e osso” (grifo da autora). A experiência dessa trajetória existencial e investigativa me permite reconhecer a pesquisa (auto)biográfica como um referencial epistemopolítico que pauta meu pensamento e minhas ações, e a potência das narrativas (auto)biográficas como um dispositivo de transformação. Assumindo em minha identidade o lugar de pesquisadora (auto)biográfica me vejo investida da responsabilidade de contribuir com a construção de uma epistemologia narrativa encarnada na existência de nossa Humanidade na intenção de concretize uma vida boa para todos em instituições justas. (Meletti, 2023, p.162)

Variação três – Contra as correntes positivistas e colonizadoras

Até o que aqui expusemos, podemos dizer que a inventividade que compõe o movimento de tornar-se autor-cidadão se firma numa relação entre o espaço/tempo de pesquisa-vida-formação que integram as narrativas autobiográficas e a abordagem multirreferencial. E convidamos para entrar no palco, a fim de compor este ato, Passeggi e Souza (2017, p.70):

Contra essas correntes positivistas e colonizadoras, os estudos com as histórias de vida em formação e as narrativas autobiográficas, ao priorizar o humano situam-se numa perspectiva epistemopolítica, como afirmam Pineau e Le Grand (2012). As

narrativas propõem uma nova episteme, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando um novo posicionamento político em ciência, que implicam princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito social, valorizadores de sua capacidade de reflexão, em todas as idades, independentemente do gênero, etnia, cor, profissão, posição social, entre outras opções.

Coda – autoria, investigación otra, escrita otra... seguimos en el camino

Tú no puedes volver atrás
porque la vida ya te empuja
como un aullido interminable. [...]
Otros esperan que resistas
que les ayude tu alegría
tu canción entre sus canciones. [...]
Perdóname no sé decirte nada más
pero tú comprende
que yo aún estoy en el camino.

José Agustín Goytisolo^{vi}

El ejercicio de la escritura compartida nos ha empujado a retomar la producción de los colectivos GRIDEN y NEPEN para intentar comprender el movimiento que estamos haciendo y ponernos en marcha para, a partir de entendernos a nosotros mismos, seguir adelante: ¿Cómo nos constituimos en autores? ¿Cómo nos autorizamos a una escrita otra? En definitiva, ¿Cómo nos autorizamos a una investigación otra?

Como esboço de respostas às questões apresentadas é possível dizer, em primeiro lugar, que nos constituímos autores? no enfoque aqui entendido, em toda e qualquer ação marcada pela deliberação e vontade, não deixando de fora o que poderíamos chamar de intimidade do sujeito, onde moram a subjetividade, a criação e o desejo.

Um lugar íntimo a si, onde somente o sujeito tem acesso. É preciso uma formação para que cada qual visite a si, e em sua intimidade profunda, para nela olhar e criar sentido a partir de uma singularidade que se institui no processo de interação com o temporal-social-histórico.

Em segundo lugar, como nos autorizamos a uma escrita outra? Talvez iniciar por abordar a questão a partir do olhar plural. Uma escrita, no mínimo, em seu duplo sentido: a escrita que conhecemos através do papel e da caneta e uma escrita existencial com a qual escrevemos páginas e páginas do livro da própria existência - diria o poeta.

Mais do que uma definição de autoria intentamos trazer aqui uma epistemologia que integra uma linguagem plural. Estamos nos (re)elaborando na medida em que damos conta

de nossa existência, e o poético do se tornar sujeito tem a ver com o que aprendemos, ou melhor, darmos conta de que escrevemos a história social com/na e a partir de nossas histórias de vida. A história social só é possível com as narrativas do vivido. Ou seja, escrevemos a narrativa de nossas vidas com os acertos e lampejos de excelência, mas também com ossos monturos e andaimes. Não nos será possível limpar nosso excessivo monturo para apresentar uma narrativa simplesmente brilhante. Somos o que somos com nossos medos, nossos não saberes e nossos entulhos.

El devenir humano, el acontecimiento humano y la autoconciencia sólo son posibles en una relación de amor y afecto, de sentimiento, de entrega y plenitud. El reto es quizás cómo escribir nuestras vidas simultáneamente con nuestros textos académicos o vivir cualquiera de nuestras decisiones y acciones con una pizca de humor, autoaceptación, ética, estética y poesía, ¡con toda nuestra humanidad!

El epígrafe que acompaña esta coda nos habla de la decisión indeclinable con que iremos a enfrentar las resistencias que puedan venir cuando nos proponemos “horadar la academia, pero ser academia”. Como antídoto a esas resistencias nos sumergimos en nuestros propósitos con mucha “garra”, con mucha decisión. Dice el poeta, la vida ya te empuja como un aullido interminable. Eso mismo es lo que sentimos en esta “caminada” en que estamos de ser una investigación OTRA, investigación vida, investigación formación, investigación autoría. Pero en ello no estamos solos, estamos inmersos en las colectividades GRIDEN y NEPEN, que a su vez se entraman, se enredan con muchos otros grupos de investigación que se guían por estos mismos desafíos, por estas mismas utopías realizables. Grupos de Argentina, Brasil, Chile, Colombia, Perú, México, Uruguay, ¡somos muchos!, cada día se agrega más un eslabón a esta red de “amigos académicos que (co)elaboran, se enriquecen, se polinizan. Estamos unidos en una investigación coral, donde cada uno sabe, siente, que no va solo, que somos, que venimos siendo, investigación (Aguirre et al, 2023) en el medio de un conjunto que nos hermana. “Otros esperan que resistas que les ayude tu alegría tu canción entre sus canciones”

Nada más vamos a decirles, nos quedamos en este cierre no cierre, pues mucho más viviremos, muchos más experienciaremos, mucho más sentiremos, seguimos en el camino... ..otros esperan....

Referências

- AGUIRRE, Jonhatan, PROASI, Laura, RAMALHO, Francisco y YEDAIDE, María Marta, **Pasiones**: Luis Porta, Mar del Plata, Eudem, 2023
- ARDOINO, Jacques, L'approche multirreferencialle (plurielle) des situations éducatives e formatives, en **Pratiques de Formation- Analyses** N° 25-26, p,15-35, 1993
- BADARÓ, Felipe, PÍRIZ, Patricia, RODRÍGEZ, Elena y COPELLO, María Inés, Somos y queremos ser academia, pero Otra. La elaboración de la tesis de Nená como ejemplo, **Fermentario V. 16, N° 1**, p. 70-91, 2022
- BARAD, Karen, **Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning**, Durham, NC: Duke University Press, 2007, disponible en: <https://es-academic.com/dic.nsf/eswiki/676320#sel=>
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.). **Autores cidadãos: a sala de aula na perspectiva multirreferencial**. São Carlos/São Bernardo: EdUFScar/EdUFSP, 2000.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves Educação para a formação de autores – cidadãos. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998. p. 7-13.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Autores Cidadãos – a sala de aula na perspectiva multirreferencial**. São Carlos: São Bernardo: EDUFScar, EdUMESP, 2000.
- BRITO, Sol Silva; NAKAYAMA, Bárbara C. M. Sicardi, Dez anos do NEPEN: um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação, sua história e produções. In: NAKAYAMA, Bárbara C. M. Sicardi et al (orgs). **Diálogos entrecruzados, modos de narrar e pesquisa-vida-formação**, Curitiba, editora CRV, p. 19-35, 2023
- BRITO, Solange Aparecida da Silva, **Pesquisadora-autora-cidadã: por uma pedagogia da escrita de si em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação**. 237f. (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEd-So, Campus Sorocaba, 2023
- CASTORIADIS, Cornelius, **O mundo fragmentado: as encruzilhadas do labirinto III**. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1992
- DELEUZE, Gilles. y GUATTARI, Félix. **Mil mesetas, capitalismo y esquizofrenia**, Pre-textos, 2002
- DELORY-MOMBERGER, Christine, *Experiencia y Formación. Biografización, biograficidad y heterobiografía*. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, 19 (62), 695-710. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14031461003>. p 699, 702, 2014.
- FALS BORDA, Orlando, **Una sociología sentipensante para América Latina**. Compilado por Víctor Manuel Moncayo. Bogotá: Siglo del Hombre y CLACSO, 2009.
- GINZBURG, Carlo, **Huellas. Raíces de un paradigma indiciario**, Tentativas, Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México, pp. 93-155, 2003.

HESS, Remy, **Produzir sua obra: o momento da tese**, Brasília, Iber libro, Série Pesquisa, 2005.

JOSSO, Marie-Christine, **Experiências de vida e formação**. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.

LINSPECTOR, Clarice, **A paixão segundo G.H.**, ALLCA XX/ Fondo de Cultura Económica, 2007

MELETTI, Claudia Maria Duran, **Movimentos (auto)biográficos: contribuições de uma pesquisa-vida-formação em contexto pandêmico**, 155f. (Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEd-So, Campus Sorocaba, 2023.

PASSEGGI, M^a. da Conceição. Reflexividad narrativa: "vida, experiencia vivida y ciencia", Málaga, **Revista Márgenes** 1(3), 91–109, 2020 <https://doi.org/10.24310/mgnmar.v1i3.9504>

PASSEGGI, M^a. da Conceição y SOUZA, Elizeu Clementino, O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional, **Revista Investigación Cualitativa**, 2(1), 6-26, 2017 DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>

PÍRIZ, Patricia, **Entramar el enseñar y el aprender educación sexual en la escuela. Tramas desde la formación en servicio de educación inicial y primaria en Uruguay**, fls. 281 Tesis de maestría. Universidad de la República (Uruguay). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Repositorio Colibrí, 2024

Porta, Luis, Dislocar sentidos y producir movimientos sensibles. La expansión de lo biográfico en la performatividad de una pedagogía inestable en Luis Porta (org) **La expansión biográfica** - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, p. 31 -80, 2021.

PORTA, Luis y de LAURENTIS, Claudia, Docentes Formadores en clave metafórica: relatos en busca de palabras que expresan identidad. **Márgenes, Revista de Educación de la Universidad de Málaga**, 1 (3), 152-171, 2020, DOI: <https://doi.org/10.24310/mgnmar.v1i3.8802>

PORTA, Luis, AGUIRRE, Jonhatan RAMALHO, Francisco, Gen-eros-idades de las entre-vistas. íntima narrativa de la investigación en comunidad **Periódico Horizontes**, Vol 41 N°1 p. 1.18, 2023, DOI:<https://doi.org/10.24933/horizontes.v41i1.1643>

RIBEIRO, Tiago, *Carta mínima para investigadores minúscules*, **Revista de Educación**, año XXI, N° 21, p. 97-110, 2020.

RIBEIRO, Tiago, SÁNCHEZ SAMPAIO, Carmen, **Conversa como metodologia de pesquisa. ¿por que não?** Ayvu, 2018.

RODRÍGEZ, Elena, **Entre la ilusión y el desencanto. Motivaciones, vivencias, expectativas de estudiantes de un centro de Formación en Educación, desde el profundo interior**. fls. 226 Tesis de maestría. Universidad de la República (Uruguay). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Repositorio Colibrí, 2022

SIMONINI, Eduardo, Linhas, tramas, cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas, en Adrienne OGEDA GUEDES y Tiago RIBEIRO (orgs), **Pesquisa, alteridades e experiencia. Metodologías minúsculas**, Ayui, 2019

SKLIAR, Carlos, **Pedagogías de la diferencia**, Buenos Aires, Noveduc, 2017.

SUAREZ, Daniel, Los paisajes que pintamos y habitamos. La investigación narrativa como opción ontológica, epistemo-política-estética. **Coloquio Internacional Universitat de Barcelona**. Barcelona, España, 2022.

SUAREZ, Daniel, Narrativas autobiográficas, pedagogía y territorio: cartografías de experiencia escolar en Saberes y prácticas. **Revista de Filosofía y Educación** /, Vol. 7 N° 2 / Sección Dossier / p. 1-16, 2022a.

SUAREZ, Daniel. c/p en. **Conversatorio- Alianza para entamar y enredar acciones de tres grupos de investigación narrativa (auto)biográfica**- Red de Formación Docente y Narrativas pedagógicas (UBA, Argentina); Grupo Tramas (FURG, Brasil); GRIDEN- Grupo de Investigación en Docencia desde Enfoque Narrativo (UdelaR, Uruguay). Universidad de la República, Montevideo, Uruguay. 2022b.

TAGORE, Rabindranath, El Principio, 77-78, en **Obra Escogida- Lírica breve/ teatro/ cuento/ aforismo/ escuela**, Madrid, Aguilar, 1955

Notas

ⁱYa desde el título el artículo integra español y portugués. Esta es una opción epistemo política que se integra a la colaboración, hermandad y horizontalidad en que trabaja esta forma de investigación OTRA que el artículo defiende. Somos lenguas hermanas de un contexto latinoamericano que busca avanzar integrado.

ⁱⁱ<https://macamuseo.org/>

ⁱⁱⁱ”El Chopin del Norte” es como algunos han dado en llamar a Edvard Grieg, compositor noruego nacido en 1843 en la ciudad de Bergen. Y, en efecto, Grieg tiene en común con el maestro polaco una veta de inspiración que los hizo particularmente únicos: un especial don por convertir la música en la más exquisita poesía.[...] La música de Grieg está intensamente relacionada con la cultura nórdica, en especial la de su natal Noruega: el paisaje, los fiordos, las danzas populares, los personajes. Su ideal era el de crear un estilo nacional que pudiera conceder a su pueblo una cierta identidad. No en vano sus obras reflejan, por así decirlo, un dialecto musical propio e inconfundible pero, ante todo, un lenguaje artístico cargado de un lirismo que proviene de lo más profundo de las entrañas de su autor. <https://www.filomusica.com/filo83/grieg.html>, recuperado en 03/07/2025

^{iv} Esta expresión de Porta no la retiramos de un artículo en especial, sino que aquí se cita en consecuencia de ser un habla reiterada de este académico en múltiples encuentros académicos, clases, conversaciones, con él mantenidas

^v*Caminada* es un neologismo construido en el GRIDEN, de forma consciente, desde nuestro deseo de aunar las dos lenguas hermanas que nos constituyen. Viene desde *caminhada* del portugués y *caminata* del español.

^{vi} José Agustín Goytisolo, Barcelona, 13 de abril de 1928- Barcelona, 19 de marzo 1999. Poeta [comprometido con la justicia social], su obra poética ha sido incluida en el repertorio de diversos cantautores como Paco Ibáñez, Joan Manuel Serrat, Amancio Prada o Mercedes Sosa https://www.cervantes.es/bibliotecas_documentacion_espanol/creadores/goytisolo_jose_agustin.htm

Sobre los autores

María Inés Copello

Dra. Educación, profesora Libre Docente, concentra actividades en la Maestría del Instituto Educación de Facultad Humanidades y Ciencias Educación, Universidad de la República, y en el Doctorado Educación de Universidad de Rosario, Argentina, Programa Específico de Formación en Investigación narrativa (auto) biográfica en Educación. Investiga, produce y orienta tesis en Educación, enfoque Narrativo (Auto)biográfico. Coordina Grupo de Investigación GRIDEN (Grupo de Investigación en Docencia desde Enfoque Narrativo) y es miembro de la Comisión Académica de la Maestría del Instituto de Educación.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0282-740X> E-mail: micopello97@gmail.com

Bárbara Sicardi

Doutora em Educação pela UNICAMP, Professora e Pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos | UFSCar, Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Narrativas Formação e Trabalho Docente (NEPEN). Desenvolve, em parceria com pesquisadores de outras IES, orientação de doutorandos, mestrandos, graduandos e professores das escolas de Educação Básica. Todas as ações vinculadas ao âmbito do Ensino, Pesquisa e Extensão sempre no diálogo com o Campo da Investigação (Auto)biográfica e Narrativa em vínculo com os estudos nos/dos/com Cotidianos, compondo enredamentos para uma Pesquisa-Vida-Formação.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5097-459X> E-mail: barbara@ufscar.br

Joaquim Gonçalves Barbosa

Doutor Educação: História, Política e Sociedade, mestre Educação, Pedagogo e Filósofo. Atua como Professor Visitante na Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Programa Pós-graduação em Educação. Tem dilatada atuação como professor e pesquisador: Universidade Federal de Mato Grosso (1974 a 1992); Universidade Federal de São Carlos (1992 a 2000); Universidade Metodista de São Paulo (2001 a 2010). Líder do GEPEM (Grupo de Pesquisa em Educação e Multirreferencialidade) e autor de livros de impacto em sua área. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6296-4276>

E-mail: joaquim.barbosa60@gmail.com

Recebido em: 19/07/2025

Aceito para publicação em: 21/07/2025